

“Vamos lá” e “vá lá”: uma análise sob a perspectiva da gramaticalização de construções

(“Vamos lá” and “vá lá”: an analysis from the perspective of grammaticalization of constructions)

Ana Cláudia Machado Teixeira¹

¹Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense (UFF)

ana.machadoteixeira@yahoo.com.br

Abstract: In this article we analyze the grammaticalization of “vá lá” and “vamos lá” in specific contexts, in which meaning and form of verb and locative constitutes the most basic unit - a construction - from the perspective of Croft (2001). The grammaticalization approach and language change are combined with the constructions theories from the routinization of these usage patterns in order to form a cline of semantic-syntactic integration.

Keywords: Grammaticalization; Constructions; Language Change.

Resumo: Neste artigo analisamos a gramaticalização de “vá lá” e “vamos lá” em contextos específicos, cuja maior vinculação de sentido e forma entre verbo e locativo constitui uma unidade básica maior – uma construção – sob a perspectiva de Croft (2001). Aliam-se, assim, a abordagem da gramaticalização e mudança linguística às das teorias construcionais a partir da rotinização desses padrões de uso, visando à formação de um cline de integração semântico-sintática.

Palavras-chave: Gramaticalização; Construções; Mudança Linguística.

Introdução

A partir da fundamentação teórica que alia as perspectivas funcional e cognitivista, promovemos uma análise das construções *vá lá* e *vamos lá* no que diz respeito aos fenômenos ligados à mudança linguística e relativos ao processo de gramaticalização, que levam tais construções a se rotinizarem, sendo codificadas numa unidade em prol de um único sentido convencionalizado em contextos específicos.

Parte-se da hipótese de que *vá lá* e *vamos lá*, em determinados ambientes, deixam de ser formadas por dois vocábulos independentes: um verbo de movimento pleno e um advérbio pronominal locativo, constituindo um arranjo mais prototípico, para tornarem-se uma construção, uma unidade sentido-forma usada em situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas. Os itens dessas construções perdem sua autonomia e deixam de exprimir seu sentido original, passando a articular um novo sentido, em prol da eficiência comunicativa.

A palavra *arranjo* foi escolhida por representar nossa opção em considerar: i) o verbo de movimento “ir”, como transitivo circunstancial, selecionando um argumento adverbial locativo com função adjuntiva e acessória, indicando o deslocamento de alguma coisa de um lugar para outro e ii) *mais prototípico*, por considerarmos que, nessa condição, os dois itens constituem um *frame* espacial: a) referindo-se ao deslocamento de algo ou alguma coisa de um lugar para outro, b) indicando um espaço físico-concreto distante do falante. Além disso, na maior parte das ocorrências, o locativo apresenta sentido mais referencial.

Conjugada à hipótese principal, as construções *vá lá* e *vamos lá* passam a se enquadrar no nível micro de esquematicidade – *types* individuais abstratos. Nesse nível, segundo Traugott (2008, p. 238), se o constructo é relacionado inovadoramente a uma construção da qual não poderia ser tradicionalmente uma instância e tal inovação é replicada, ele pode ser convencionalizado por outros falantes como micro-construção.

No uso construcional, *vá lá*, dependendo do contexto em que se insere, ora comporta-se como *marcador de injunção*, MI, – leva o destinatário a realizar determinada ação, ora como *marcador de consentimento*, MC – codifica a atitude do falante em relação à proposição, denotando sua crença.

No caso de *vamos lá*, a depender do contexto de uso, ora comporta-se como *marcador mudança de tópico*, MMT – conduz o destinatário a um novo tópico discursivo ou a uma expansão do tópico ou ainda a um subtópico, ora como *marcador de injunção*, MI – provoca o envolvimento do destinatário, exortando-o à ação.

Com isso, pretende-se demonstrar a existência de um *cline* em que se verifica um gradiente dos usos de *vá* e *lá*, assim como *vamos* e *lá* de mais concretos – pela presença de palavras autônomas, não consideradas uma construção e sim um arranjo mais prototípico –, para um uso mais abstratizado, com os itens lexicais unidos formando as construções *vá lá* e *vamos lá*.

O objetivo deste artigo é investigar, sob o enfoque do funcionalismo linguístico, nos termos de Givón (2001), Bybee (2003), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Martelotta (2006), Traugott (2003), Traugott e Dasher (2005), Votre, Martelotta e Cezário (2004), entre outros, os padrões de uso de *vá lá* e *vamos lá*, entendidas como uma *construção*, nos termos de Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001) e classificadas como *micro-construções* nos termos de Traugott (2008).

A dinâmica das transformações de sentido pelas quais tais construções passam pode ser interpretada pelos mecanismos de metaforização, metonimização e inferência sugerida, subjetificação e intersubjetificação, que permitem sua convencionalização dentro de contextos específicos.

Investigamos sequências tipológicas argumentativas, expositivas e injuntivas que *stricto sensu* favorecem a composição de contextos específicos, partindo de gêneros como artigos de opinião, *blogs*, inquéritos, comentários de *blog* que *lato sensu* corroboram para tal composição. Tais contextos sugerem inferências que disparam o processo de metonimização, a partir desse processo as unidades em estudo passam de um domínio concreto para um abstrato.

Funcionalismo linguístico

De acordo com a concepção funcionalista, como Martelotta (2006), entendemos a gramática como o conjunto de padrões convencionais oriundos e reguladores do discurso, conhecidos e apropriados pelos usuários para a produção e recepção de frases e textos da língua. O discurso, por sua vez, conforme o mesmo autor, define-se como o uso efetivo das estratégias linguísticas, de modo individual e criativo, que permite as práticas interativas na comunidade linguística.

Tradicionalmente, o termo *gramaticalização* é entendido como um processo de mudança lingüística em que determinados itens lexicais tendem a se tornar gramaticais ou, se gramaticais, tornam-se mais gramaticais. Por outro lado, nos termos de Traugott (2003) e Bybee (2003), a recente literatura tem expandido as fronteiras desse conceito. De acordo com Bybee (2003), devido à crescente autonomia e opacidade de sua estrutura interna, as construções são capazes de assumir novas funções discursivas, que surgem a partir dos contextos em que são comumente usadas; tais construções, a partir de motivação pragmático-discursiva e da frequência de uso, tornam-se convencionalizadas e, por consequência, são consideradas estágios de gramaticalização. Os itens dessas unidades perdem sua autonomia e deixam de exprimir seu sentido original, passando a exprimir um novo sentido que visa à eficiência comunicativa, tornando-se preferencial entre os falantes.

Para a abordagem de *vá lá* e *vamos lá*, partimos de quatro pressupostos funcionalistas associados aos mecanismos de mudança linguística. O primeiro, a metaforização, caracteriza-se pela mudança de significado de um item e/ou construção que passa de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato. Nas unidades *vá lá* e *vamos lá*, percebe-se que os itens passam de um domínio concreto para um abstrato. O verbo *ir* parte do domínio de espaço — *ir a algum lugar* — e o locativo *lá* parte do de lugar — *naquele lugar*, em direção a domínios mais abstratos onde se percebe um deslocamento na expressividade e intenção; tal mudança ocasiona um enfraquecimento de seus sentidos originais em prol de um novo sentido único e pragmaticamente motivado.

Já o segundo pressuposto, a reinterpretação contextual ou metonimização, caracteriza-se pela extensão de sentido do item e/ou construção baseado no estabelecimento de um contato mental entre um ponto de referência e outro, mesmo que implicitamente. Segundo Traugott e Dasher (2005, p. 80), a metonímia passa a ser compreendida em termos dos “contextos sintagmáticos da língua em uso, das associações, da contiguidade e da indexicalidade Trata-se de uma poderosa alternativa para a metáfora, já que é a chave para a conceitualização da mudança semântica no contexto”.

O terceiro pressuposto, ainda conforme Traugott e Dasher (2005), é a subjetificação, considerada um processo em que os falantes da língua, ao longo do tempo, tendem a demonstrar e codificar suas perspectivas e atitudes advindas das trocas interacionais.

A intersubjetificação, quarto pressuposto, decorrente da subjetificação, consiste num processo cujo foco está no ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. Dessa forma, pode-se dizer que a subjetificação está centrada no falante e a intersubjetificação está centrada principalmente no ouvinte. Na visão dos autores, o falante revela pontos de vista em andamento na negociação interacional da produção discursiva; a intersubjetificação ocorre quando, codificados, sinalizam a atenção particular do ouvinte.

Abordagens construcionais

Diante da importância da cognição nos estudos linguísticos funcionalistas, consideramos relevante abordar tais questões da proposta cognitiva, levando em conta “aspectos relacionados às restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequados desses dados” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 179).

No que tange aos estudos de gramaticalização aliados às perspectivas construcionais, estamos inseridos no tema construções verbais em torno de locativos. Utilizamos-nos dos conceitos de *frame* (FILLMORE; ATKINS, 1992) e *container* (LAKOFF, 1987), já que tanto *vá lá* como *vamos lá*, enquanto construções, estão contidas em porções maiores de texto dentre os quais podemos citar as molduras ou *frames* que incorporam cenas básicas das atividades humanas em modelos cognitivos idealizados. Tal conceito dá conta da perspectivização de toda a cena comunicativa, o que é necessário para que se possa fazer uma análise mais apurada.

Como construções, *vá lá* e *vamos lá* se apresentam em cenas cujo *frame* é menos espacial e físico e, quando os arranjos mais prototípicos estão presentes na cena, o *frame* é mais espacial e físico. Conforme pode ser observado abaixo.

- (01) ah... eu fui a uma casa antiga... uma casa que pertencia a uma família amiga... então eles queriam que nós fôssemos visitar aquela... aquele solar e... antes de eles venderem queriam que a gente conhecesse... eu “pois não... **vamos lá**”... quando eu estou caminhando vendo aquelas... aqueles quartos imensos... aquela casa muito grande eu ouço descerem a escada... plom plom plom plom... ninguém morava lá... eu perguntei “que barulho é este?”... “ah não se incomode não... são umas ratazanas” (risos) (*Inquérito 374 NURC*)
- (02) Uma charge na revista New Yorker de algum tempo atrás mostrava um cidadão da Roma antiga que, ao datar um documento, faz um gesto de desconsolo e se lamenta: “Esqueci de novo! Pus a.C. em vez de d.C.”. Explicar a graça de uma piada é a melhor forma de desmoralizá-la, mas, **vamos lá**, abramos uma exceção. O romano cometia o mesmo erro, hoje tão comum, de ao emitir um cheque, no começo do ano, repetirmos a data do ano que terminou. (*Artigo de opinião: A vã corrida atrás da história, Revista Veja*)

Além de em (01) e (02) *vamos lá* possuir a mesma forma, há, inclusive, a mesma pausa que as assinala, porém suas funções são distintas, o que somente pode ser observado levando em conta toda a cena comunicativa. Em (01), observa-se um *frame* espacial: a informante narra uma visita feita a um solar de uma família amiga e descreve o que vê ao redor, portanto a forma verbal *vamos* está em seu sentido mais prototípico, sendo o locativo de *lá* seu argumento. Já em (02), o *frame* não é espacial. O autor exprime sua opinião acerca do quanto os erros humanos são atemporais e, portanto, trata-se de uma construção, uma vez que o sentido é diferente da soma dos sentidos de seus constituintes. Podemos concluir que tal sentido é fornecido pelo *frame* não espacial que forma um contexto específico em que as propriedades discursivo-funcionais fornecem relevância pragmática à construção. Observa-se a atuação coercitiva do contexto instituído por mecanismos, principalmente, de inferência sugerida, metonimização e intersubjetificação. Com relação ao esquema imagético *container*, tanto em (01) quanto em (02), não podemos processá-lo separadamente e sim pela relação entre os *containers*, já que no primeiro caso o movimento em direção ao solar nos remete à entrada em um novo lugar distante daquele em que a informante estava (*lá*) e, no segundo, a injunção feita pelo autor nos remete à inserção numa nova intencionalidade acerca da atemporalidade dos atos humanos.

De acordo com as abordagens construcionais, os marcadores discursivos *vá lá* e *vamos lá* são construções definidas como unidades linguísticas maiores que uma palavra, dotadas de uma correspondência entre parâmetros de forma (incluindo informações lexicais, sintáticas e morfofonológicas) e parâmetros de significado (incluindo informações semânticas e pragmáticas) sendo representantes dos fenômenos de variação e mudança

linguística motivados pelo discurso. Tais abordagens enfatizam o papel das construções na estruturação da gramática e as consideram as unidades básicas da língua.

Croft (2001, p.18) apresenta um modelo de estrutura simbólica para uma construção a partir do entendimento de construção como pareamento forma-sentido. Em sua abordagem pode-se entender que as propriedades ligadas à forma abrangem os aspectos que são convencionalizados na construção e as propriedades ligadas ao sentido abrangem os aspectos funcionais de uso. Segundo o autor, o elo de correspondência simbólica entre as propriedades de uma construção é interno, ao contrário das análises componenciais em que tal ligação é externa.

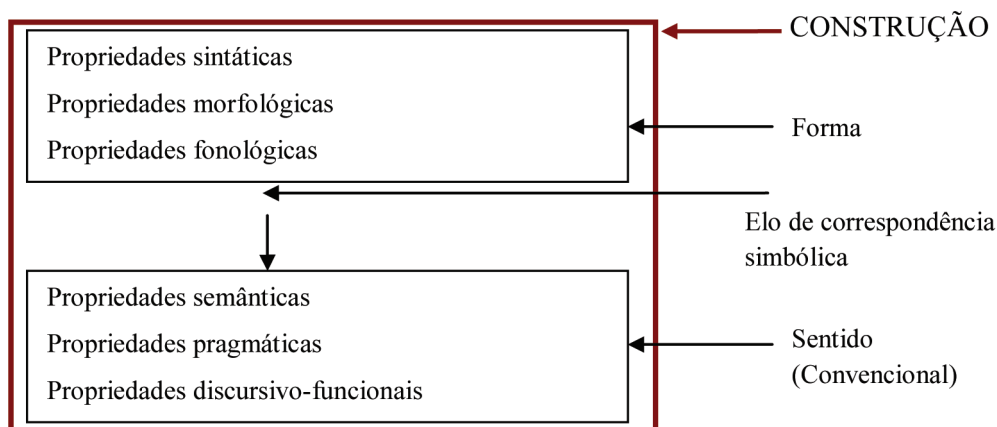


Figura 1. Modelo de estrutura simbólica de uma construção, segundo Croft(2001)

Como se pode observar, o autor propõe um modelo que procura dar conta de todos os níveis de uso de uma dada construção, tanto em termos de suas propriedades formais quanto referenciais. A conexão entre convencionalização de sentido e forma é interna à construção, envolvendo aspectos mais arbitrários e outros mais motivados. Do ponto de vista formal, Croft (2001) destaca os componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos envolvidos na construção e os correlaciona com o sentido articulado nos níveis semântico, pragmático e discursivo-funcional. Trata-se, portanto, de um modelo holístico de abordagem construcional, que procura dar conta das distintas dimensões aí envolvidas e suas interfaces.

Croft se insere num contexto mais amplo onde se estuda as construções através de uma gramática específica. Nossa pretensão neste estudo é justamente utilizar esses conceitos para entender a gramaticalização das construções *vá lá* e *vamos lá* dentro de um contexto maior, visto que sua realização se insere sempre dentro de um contexto específico.

Como o autor entende uma construção como um conjunto de propriedades que se ligam internamente para formar um único sentido, sua proposta engendra o entendimento de que uma construção é composta de multicamadas assim como entendemos o processo de gramaticalização, portanto nossas análises focam todas as propriedades de uma construção para que as enquadremos como tal.

No que tange à classificação como micro-construções, Traugott (2008) apresenta um estudo em que estabelece uma taxonomia pautada por níveis de esquematicidade fazendo um entrelaçamento entre o nível de análise da gramaticalização — em que as micros representariam mudanças *types* específicas — e o da gramática de construções — em que representariam construções *types* individuais. Assim, tal classificação estabelece que as micro-construções como *vá lá* e *vamos lá* teriam um nível micro de esquematicidade já que são ocorrências *types* individuais.

Desse modo, a gramaticalização das construções se realizaria na medida em que padrões de uso são rotinizados em determinados contextos e passam a compor um esquema mental acessível aos falantes. Para nossa proposta de estudo, o surgimento de usos padronizados se adequa a uma proposta construcional.

Consideramos gramaticalização como exposto por Heine e Kuteva (2007, p. 32), em que:

[...] é definida como o desenvolvimento de formas lexicais para gramaticais, e de formas gramaticais para mais gramaticais. Desde que o desenvolvimento de formas gramaticais não é independente das construções nas quais elas se inserem, o estudo da gramaticalização está da mesma maneira preocupado com construções, e com segmentos mais amplos de discurso.

E também, conforme Hopper e Traugott (2003, p. 18), em que “Gramaticalização é a mudança por meio da qual itens lexicais e construções vêm em certos contextos linguísticos servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Traugott (2008, p. 219-220) diz que:

Considerando construções como sendo objetos teóricos projetados para apreender as associações sistemáticas entre forma e significado, assumo que estas, concebidas em tradições recentes da gramática de construção, e especialmente da gramática de construção radical, fazem parte, possivelmente a totalidade, da construção de blocos de gramática.

Assumo também que gramaticalização, entendida como a saída do processo de uso da linguagem que leva a mudanças sistemáticas na forma morfossintática e no significado, é um tipo de mudança base que pode levar à reorganização dos aspectos centrais sintagmáticos e paradigmáticos da linguagem.

A partir dessas considerações, é coerente pensar numa aproximação entre a gramática de construções e o estudo da gramaticalização. Segundo Traugott (2008, p. 220): “Os contextos em que os itens lexicais sofrem gramaticalização têm frequentemente sido chamados de ‘construções’ na literatura e, tem sido vistos como a fonte, assim como o resultado da gramaticalização”.

Análise

Abaixo apresentamos os *clines* propostos que visam a dar conta dos usos identificados na trajetória de gramaticalização das construções.

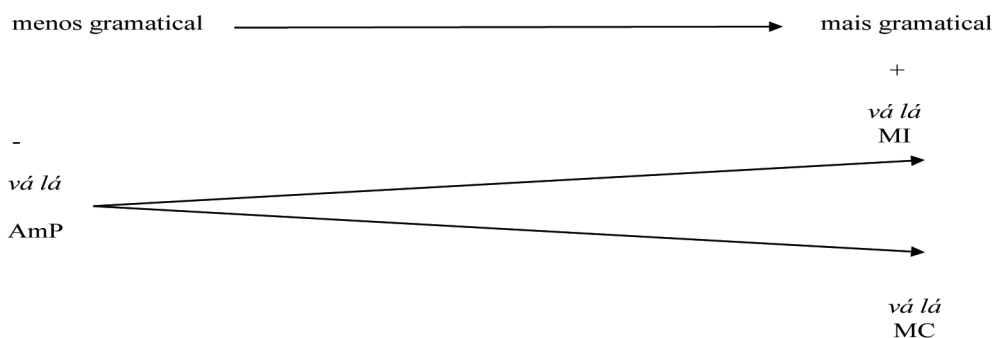


Figura 2. Cline *vá lá*

Ao analisarmos as ocorrências do *corpus*, identificamos três padrões de uso para *vá lá*, um como *arranjo mais prototípico* e dois outros como *microconstruções*. No entanto, percebemos duas trajetórias distintas de gramaticalização, uma vez que não distinguimos graus de abstratização nos usos construcionais estudados. Segundo alguns autores, estaríamos diante de um caso de poligramaticalização:¹

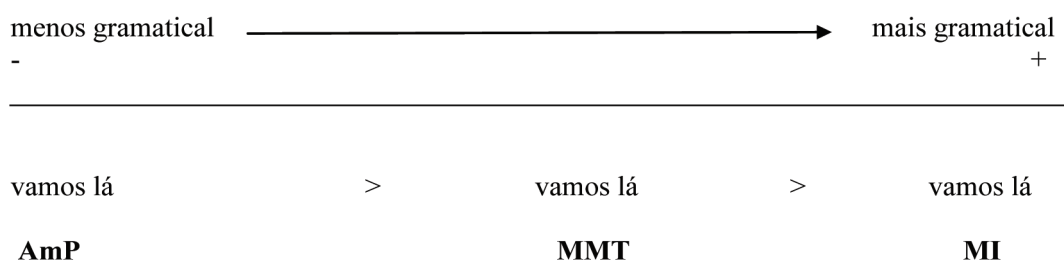


Figura 3: Cline *vamos lá*

Identificamos três padrões de uso para *vamos lá*: um como *arranjo mais prototípico* e dois outros como *microconstruções* numa única trajetória, nela MMT se posiciona antes de MI. A primeira possui função mais ligada ao texto, o que representa caráter mais incipiente de gramaticalização. Por outro lado, apesar de estarem inseridas em contextos injuntivos em que o administrador da interação conduz o destinatário, não se enquadram em MI na medida em que existe mais uma característica que a particulariza: a condução se dá entre TDs, quer seja a um novo tópico discursivo ou a uma expansão do tópico ou ainda a um subtópico. Na sequência da trajetória, MI expressa sentido altamente abstratizado, funcionando pragmaticamente na exortação a determinada intenção.

Vá lá e Vamos lá – Arranjo mais prototípico

Neste estágio, enfocam-se os itens lexicais verbo e advérbio como palavras sintáticas e semanticamente autônomas, de acordo com a definição acima aludida. Conforme ilustrado abaixo:

- (03) Ela se chama Tôsqka e vem com vestidinho de renda, cabelo montadaço, aquela pinta no canto da boca e delineador. A edição é limitada é custa R\$ 66. **Vá lá.** (*Blog Dando sopa, Revista Marie Claire*)

¹ Segundo Braga e Paiva (2003), no processo de mudança linguística, uma mesma construção pode se gramaticalizar em mais de uma direção, desenvolvendo trajetórias distintas ao apresentar usos e funções gramaticais diferentes. Ocorre, portanto, poligramaticalização.

- (04) Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “**Vamos lá** que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”. (*Reportagem de Daniela Pinheiro, revista Veja edição 1.657*)

Em (03) e (04), a posição tanto dos verbos quanto dos advérbios, em sequência, não os define como construções, visto que o sentido indicado pelo verbo *ir* nas duas situações é de deslocamento concreto no espaço, portanto pleno em sua origem. Com relação ao advérbio *lá*, em ambos os casos, indicam um lugar físico e fazem referência textual.

O contexto em que se inserem os arranjos mais prototípicos *vá lá* e *vamos lá* representam sequências expositivas, tanto no *blog* quanto na reportagem os produtores tencionam apresentar informações sobre um lugar específico, pretendendo imparcialidade; revela, então, reflexão, avaliação, exposição de ideias, situa-se no conhecer. Ao constituir seus textos, os autores fazem uma escolha quanto à direção para abordar o assunto. Nesse primeiro recorte existe um viés argumentativo, porém, ao adequá-lo aos gêneros em questão, o autor precisa utilizar um grau de imparcialidade. É aí, então, que os sentidos originários se refletem, na concretude verossímil da exposição.

***Vá lá e Vamos lá* – abordagem construcional**

Na gramaticalização de *vá lá*, a presença do verbo *ir* na 3ª pessoa do singular demonstra um estágio mais gramaticalizado da construção, já que neutraliza totalmente a expressão de pessoa, isto é, um comentário do autor (1ª pessoa), indicando sua crença e atitude, é proferido acerca de uma proposição estabelecida anteriormente por algum fato ou alguém (2ª ou 3ª pessoa). Isso direciona a atenção do destinatário àquilo que foi dito e funciona como um indicador da opinião do falante, marcando sua subjetividade. Em *vamos lá*, a presença do mesmo verbo na 1ª pessoa do plural parece demonstrar um exemplo mais acentuado da transição e complementaridade dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação, já que o verbo nessa pessoa do discurso demonstra uma integração maior entre falante e ouvinte. Essa percepção se deve exatamente ao fato de que, no mecanismo de subjetificação, o falante demonstra e codifica suas perspectivas e, na intersubjetivação, as mesmas apontam para o ouvinte. A utilização do verbo *ir* nessa pessoa do discurso evidencia o compartilhamento de ideias e atitudes; nesse sentido o falante parece envolver o destinatário em sua argumentação de forma que o faça aderir a ela, através de um viés exortativo.

Além da questão da atitude e da propriedade cognitiva da linguagem advinda da díade falantes-ouvintes, a pressão que se estabelece nos contextos discursivos para que as trocas conversacionais sejam pautadas pelo princípio de informatividade ou relevância leva à convencionalização das implicaturas conversacionais, ou, nas palavras de Traugott, das “inferências sugeridas” advindas dos contextos interativos que se tornam, pela frequência de uso, formas de expressão rotinizadas de uma comunidade linguística.

Os dados abaixo são considerados exemplos representativos da distinção que pretendemos fazer em relação à codificação das marcas de subjetificação e intersubjetificação.

- (05) Parece que a revista People perdeu o foco em sua última lista de mais-mais que ela sempre inventa. Afinal, o que dizer das amigas Lindsay Lohan e Nicole Richie (1), eleitas como as mais descoladas? Fossem as mais antipáticas, **vá lá**. (*Revista Época Edição 382*)

- (06) Sim, na linguagem do Senado a “nobreza” pode vir junto com a “mentira”, a “excelência” com a “culpa”, mas **vamos lá** – isto não é defeito, mas virtude. (*Revista Veja edição número 1.699*)

No caso de *vá lá* (05), parece ficar claro que o verbo na 3ª pessoa do singular apresenta um caráter maior de subjetificação, já que, conforme comentamos anteriormente, tende a demonstrar e codificar a perspectiva e atitude do falante que se manifestam através das relações comunicativas. Em (06), o verbo na 1ª pessoa do plural movimenta o foco para o ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. A veracidade da proposição e a postura argumentativa, objetivando o envolvimento do destinatário em seu ponto de vista, são fatores que indicam os mecanismos de intersubjetificação inerentes às mudanças semânticas.

Com relação aos mecanismos metonímicos, podemos pensar em uso convencionalizado das construções, já que suas interpretações foram sugeridas através de inferências feitas a partir do contexto. Percebe-se que, ao se rotinizarem, ambas as construções passam a fortalecer sua expressividade, nessas situações discursivas, convencionalizando as implicaturas conversacionais.

Segundo os dados levantados, a construção com *vamos* atua como uma forma linguística sistematizada para exprimir a parceria de pontos de vista entre o falante e o ouvinte, caso esse típico da sequência tipológica argumentativa e injuntiva. Na construção *vá lá* a intenção é persuadir o destinatário na medida em que o produtor expressa sua opinião, na unidade *vamos lá* o produtor tenciona fazer o destinatário concordar e assumir o seu ponto de vista.

***Vá lá* – Marcador de injunção e Marcador de consentimento**

Expomos abaixo dois dados em que *vamos lá* se apresenta como construção, em dois estágios polissêmicos de gramaticalização, representando o que Hopper (1991) caracteriza como o princípio da divergência.

No primeiro caso, a construção expressa um valor de ordem que conduz o destinatário a realizar determinada ação, já no segundo, expressa um comentário ligado à crença do falante na proposição. Os dados retirados do *corpus* parecem ratificar tal afirmação, conforme os fragmentos (07) e (08), a seguir:

- (07) É que um dos efeitos dos ingredientes gordurosos é melhorar a textura e enfatizar o gosto das receitas, ajudando a dispersar o aroma dos temperos que botamos na comida. Será que depois dessa você ainda precisa ler a dica? **Vá lá**: coloque uma pitadinha de gordura na panela. (*Reportagem, revista Saúde é vital*)
- (08) Só isso. Ainda que, **vá lá**, os tradicionais adversários tivessem se juntado em Belo Horizonte, que, ao menos, tal união tivesse honrado a política com uma liderança real. (*Blog Reinaldo Azevedo – Veja on line*)

No fragmento (07), tanto o verbo quanto o locativo encontram-se afastados de seu eixo categorial prototípico, em prol da formação de uma construção que funciona pragmaticamente, como MI, na veiculação e defesa da opinião expressa no ponto de vista do falante que pretende direcioná-la ao seu destinatário. Nesse caso, o sentido básico da injunção situa-se no campo do dever — dever fazer, dever ser. Dever que pode se traduzir como ordem a ser cumprida, como procedimentos necessários à execução de uma ação. A

inferência sugerida pela composição desse contexto específico exerce pressão metonímica para a gramaticalização da construção.

Em (08), observamos a construção *vá lá*, que, a partir de um sentido fundado em situações extralinguísticas, se desloca para outro fundado na expressão do falante. Esse sentido expressivo se embasa numa atitude mais pessoal ao contrário do proposicional, que corresponderia a uma atitude menos pessoal. Nesse estágio, a atitude do falante exprime sua subjetividade com respeito à situação discursiva ancorada no contexto, portanto o mecanismo de subjetificação está atuando na convencionalização da unidade.

No caso de (08) percebe-se uma função modalizadora de consentimento, típica de comentário pessoal, marcada pelas vírgulas e pelas pausas, que se sumariza no gradiente *deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na expressividade (opinião)*. O contexto específico formado pela sequência tipológica argumentativa favorece a rotinização da construção numa função particular. Em termos de metaforização, o deslocamento do sentido mais referencial para um mais expressivo exprime transferência entre domínios. Assim, tanto a forma verbal *vá* quanto o locativo *lá*, ao contrário de (03), não exprimem seus sentidos prototípicos.

***Vamos lá* – Marcador de mudança de tópico e Marcador de injunção**

Expomos abaixo dois dados em que *vamos lá* se apresenta como construção, em dois estágios distintos de gramaticalização:

a) Marcador de mudança de tópico

- (08) I: sim mas ...o entrevistado sou eu ...
E: é verdade...**vamos lá**... a parte do mar tá acabado?
I: é...
E: você vai mexer agora só no céu? (*D&G-Natal*)

b) Marcador de injunção

- (09) Já deu para entender o bastidor deste negócio de US\$ 700 bilhões, não? A questão complica na hora em que se define o papel de cada um. **Vamos lá**: quem decide quais papéis comprar? O Secretário. (*Revista Veja on line.*)

Partindo dos mecanismos de subjetificação e intersubjetificação, podemos perceber a convencionalização da construção *vamos lá* em determinados contextos de uso cuja manifestação do falante, seu ponto de vista com relação à proposição, torna-se mais expressiva e, portanto, mais subjetiva. Como tal processo é entendido pragmaticamente, o destinatário passa a ser focado na construção de forma a demonstrar a atitude do falante em relação a ele; essa verificação pode ser realizada a partir de determinados usos e de tipologias textuais em que se inserem. A polissemia da construção sugere nuances de sentido que conduzem a reinterpretção contextual a partir de inferências sugeridas que se rotinizam e se convencionalizam codificando novos significados, fenômeno esse explicado mais adequadamente em termos de metonímia. A metaforização é percebida através da operação entre os domínios conceituais, levando um sentido concreto a um abstrato em termos de uma macro-estrutura, na derivação *deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na vontade (intenção)*.

Em (08) e (09) *ir* não apresenta mais seu sentido concreto de movimento, tampouco um sentido mais abstrato de tempo como é utilizado em diversas perífrases verbais, e *lá* também está mais abstratizado, uma vez que não indica um lugar determinado, resultado da vasta granularidade que lhe é característica, já que esse locativo traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional. Em (08), como marcador de mudança de tópico, *vamos lá* reflete um abstratização de seus itens em prol de um único sentido, o verbo *ir* não indica deslocamento no espaço e sim, nos turnos conversacionais, e o locativo *lá*, indicando um lugar no texto dito ou a dizer, não caracteriza lugar concreto. Já em (09) a marca interacional é maior ainda, com a construção mais “descolada” do contexto gramatical, no cumprimento de papel pragmático. O que justifica as posições no *cline*.

Considerações finais

Identificamos que as situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas promovem a gramaticalização de determinados usos construcionais de *vá lá* e *vamos lá*. As construções se enquadram no nível micro de esquematicidade, segundo Traugott (2008), pois partiram do nível de constructos, foram relacionadas inovadoramente em uma construção da qual não poderia ser tradicionalmente uma instância e tal inovação foi replicada e convencionalizada por outros falantes

Vá lá, como construção, comporta-se como: a) *marcador de injunção*, com maior incidência em sequências injuntivas, cuja atuação da inferência de ordem, determinação, mando determina ao destinatário a realização da ação, b) *marcador de consentimento*, com maior incidência em sequências argumentativas, em que atuação da inferência de consentimento, aprovação, concordância permite que o falante leve o destinatário a crer em sua opinião, conduzindo-o a uma reflexão a fim de convencê-lo.

Vamos lá, como construção, comporta-se como: a) *marcador mudança de tópico*, especializando-se em sequências injuntivas, em que atuação da inferência de injunção conduz a um novo ou a uma expansão do tópico discursivo ou ainda a um subtópico. Apesar de possuir comportamento mais abstrato, ainda está marcado por relações mais textuais, indicando posição menos avançada na trajetória de gramaticalização, b) *marcador de injunção*, com sentido altamente abstrato, revela exclusividade em sequências injuntivas, cuja atuação de inferência de conselho, pedido, sedução, desejo conduz o destinatário à percepção de um dizer que devemos saber e fazer para alcançar um objetivo. O falante envolve o destinatário em sua opinião de forma que o faça aderir a ela.

Constatamos que as construções *vá lá* e *vamos lá*, no uso de MI, passam a competir, com prevalência de *vamos lá*, para função de injunção, ficando *vá lá* mais frequente e disponível para a função de consentimento. Como as ocorrências de *vá lá* são proporcionalmente inferiores a *vamos lá* como MI, verificamos uma tendência à preferência dos falantes/ autores pela nuance de conselho/pedido veiculada por *vamos lá*, o que sugere, a partir das ocorrências do *corpus*, que a primeira poderia estar num processo contrário, de extinção.

A partir das análises do *corpus* identificamos que: i) *vá lá* e *vamos lá* são microconstruções (constructos, cujas inovações foram replicadas e convencionalizadas por outros falantes) em torno do verbo *ir* + *lá*, ii) demonstraram contribuição do entrelaçamento GC-TG, iii) os mecanismos de metaforização, metonimização e inferência sugerida, subjetificação e intersubjetificação atuaram produtivamente no processo de gramaticalização;

iv) as sequências tipológicas foram determinantes na formação de contextos específicos que promoveram a fixação dos padrões de uso analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. da C.. Do advérbio ao clítico *é isso aí*. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 206-212.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency. In: BRIAN, J. D.; JANDA, R. D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2003. p. 602-623.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FILLMORE, C. J.; AKTINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: Semantics of Risk and its Neighbors. In: LEHRER, A.; KITTAY, E.E. (Eds.). *Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical organization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1992. p. 75-102.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional: Teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. J. TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

MARTELOTTA, M. E. T.; PALOMANES, R. M. Linguística cognitiva. In: _____. et al. (Orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo. In: WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E.;

CEZARIO, M. M. *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006. p. 231-265.

_____. et al. (Orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in Grammaticalization. In: BRIAN, J. D.; JANDA, R. D.(Eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p.624-647

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (Eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

_____.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VOTRE, S. J.; MARTELOTTA, M. E.; CEZARIO, M. M. da C. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.